

Os Filhos de Lumière / O Sabor do Cinema

Os Filhos de Lumière é o nome de uma associação cultural, vocacionada para a sensibilização ao cinema enquanto forma de expressão artística. Formada no ano 2000 por um grupo de cineastas e amantes de cinema, a nossa associação concebe, organiza e orienta actividades que visam levar os grupos de crianças e adolescentes nelas envolvidos a apreciar, compreender e criticar as obras que resultam da prática da arte cinematográfica.

Sempre foi convicção daqueles que se uniram para fundar esta associação que a melhor maneira de adquirir os saberes que nos propúnhamos construir passava pela aquisição de um saber fazer, ou seja privilegiando uma abordagem prática, um conhecimento decorrente da experimentação.

O arranque da nossa actividade foi possível graças ao importante apoio financeiro que a 2001 Porto Capital Europeia da Cultura nos concedeu. Com o montante que então nos foi atribuído foi possível comprar um parque de equipamento mínimo que nos iria permitir realizar a primeira série de oficinas de formação em torno do olhar sobre e através do cinema, que foram desenvolvidas em conformidade com os já citados pressupostos de aprendizagem prática.

A prossecução do trabalho iniciado em 2001 foi, e tem vindo a sê-lo desde então, viabilizada pelos subsídios que o actual ICA (ex ICAM) nos outorgou, sendo que esses subsídios cobrem exclusivamente as remunerações dos formadores das várias áreas (realização, imagem, som, montagem, produção e pedagogia de e pelo cinema) que intervieram nas quase 100 acções de formação, de variada natureza, que até agora organizámos e orientámos.

Para clarificar os fundamentos da nossa postura, não será inútil lembrar que defendemos a ideia de que o ensino artístico deve ser ministrado por artistas - sejam eles autores ou técnicos envolvidos no trabalho de criação de autores - porque se nos afigura bastante óbvio que só eles podem preencher o desígnio dos verdadeiros professores, a saber: transformar a transmissão do saber

numa relação de troca, baseada na convicção, por parte do formador, de que o formando virá a alargar os horizontes da área do conhecimento onde ambos se movem. Isto, que era convicção arriscada do filósofo Sócrates, é hoje, ainda, a nossa.

Por outro lado, a nossa vontade de agir sobre o mundo advém do radical espanto perante algo que não parece incomodar muita gente: as lacunas graves, quando não absolutas, no domínio da aprendizagem do e pelo olhar. Num mundo supostamente moldado (e este «moldado» daria pano para mangas) pelas imagens e pela comunicação audiovisual é, de facto, pasmoso que poucos se preocupem com o aprender a ver imagens (no sentido de imagens sonoras e de imagens tempo) quando, nesse mesmo contexto, já ninguém ousa duvidar da necessidade de aprender a ler e escrever.

Retomando, em síntese, o percurso dos **Filhos de Lumière**, recordamos que as nossas primeiras acções foram oficinas intituladas **O Primeiro Olhar e Filmar**, destinadas num caso a crianças e adolescentes dos 8 aos 18 anos, noutra caso a jovens em busca de primeiro emprego com ou sem formação prévia na área do cinema. Estas oficinas desenrolam-se sob a direcção de um realizador, assistido por técnicos de imagem, de som e de montagem. Os jovens formandos são iniciados às técnicas, códigos e raízes históricas da linguagem cinematográfica através de uma aprendizagem prática que os leva a realizar pequenos filmes, documentários ou ficções, sobre a sua cidade, sobre o seu bairro, sobre o seu mundo. Durante a rodagem, os formandos vão assumindo, alternadamente, as diferentes funções de uma equipa profissional: Realização, Imagem, Som, Anotação, Montagem, etc. O encontro de sensibilidades – as do realizador e seus co-orientadores com as das crianças e jovens – constitui uma das vertentes essenciais deste projecto educativo, cujo objectivo é levar os formandos a perceber o cinema como exercício do olhar, por um lado, como construção sensorial e conceptual, por outro. Estas oficinas, que foram pedra de toque da associação, têm um carácter intensivo e têm vindo a realizar-se em diferentes aldeias e cidades de norte a sul de Portugal. Muitos dos jovens que nelas participaram são oriundos de meios sociais carenciados e de minorias. Em 2005 e 2006, O Primeiro Olhar realizou-se também em França, com jovens de bairros difíceis, numa colaboração entre Os

Filhos de Lumière e a Associação Cultural Docs aux Sels.

No ano de 2006, a Associação Os Filhos de Lumière, envolveu-se, a convite da Cinemateca Francesa que conhecia o nosso trabalho, numa nova vertente de formação intervenção, aderindo ao prestigiado programa **Cinéma, Cent Ans de Jeunesse**. Trata-se de um programa pedagógico coordenado, desde 1995, pela Cinemateca Francesa em colaboração com parceiros culturais de toda a França. Em 2005, o programa abriu as suas portas a Espanha e, em 2006, a Portugal. Vinte e seis ateliers em doze regiões - em França, na Catalunha espanhola e no nosso país - que decorrem ao longo de todo o ano escolar, debruçam-se sobre uma mesma questão estética de primeira importância para o cinema, adoptando as mesmas regras do jogo e os mesmos exercícios práticos com vista à realização de pequenos filmes nos quais essa comum questão é um vector privilegiado do processo criativo. Uma das especificidades dos ateliers Cinéma Cent Ans de Jeunesse é a colaboração estreita de cineastas em actividade com os professores das diferentes escolas. Estes últimos participam e acompanham o curso, sendo eles próprios chamados a descobrir as virtualidades do trabalho proposto. O programa é pontuado por três encontros em França: o primeiro, em Setembro/ Outubro, acontece em presença dos realizadores, professores e parceiros culturais, é orientado por Alain Bergala que conduz a abordagem das temáticas a trabalhar ao longo do ano e apresenta os materiais pedagógicos bem como as propostas de exercícios; durante o segundo, que decorre no mês de Março, são mostrados e discutidos os resultados dos trabalhos até essa data realizados; no terceiro e último, em Junho, estão presentes os realizadores/formadores, os professores da escola, os parceiros culturais e desta vez também delegações de alunos que se deslocam para apresentar o filme final (de cada grupo) que resultou do trabalho realizado ao longo do ano. Cada delegação dá conta da sua experiência artística perante todos os outros participantes. Estão neste momento agendadas duas sessões de apresentação deste dispositivo pedagógico por Alain Bergala e Nathalie Bourgeois (os seus coordenadores), que terão lugar no dia 27 de Novembro às 19h e às 21h30 na Cinemateca Portuguesa. Durante essas sessões, serão apresentados os filmes portugueses feitos neste contexto e outros franceses e espanhóis.

Neste preciso ponto, convém porventura abrir um parêntese para formular uma distinção que nos parece essencial. Sempre foi nosso desejo trabalhar em colaboração com estabelecimentos escolares, inclusive por essa colaboração se nos afigurar uma boa maneira de democratizar e generalizar o acesso a conhecimentos a nosso ver fundamentais. Porém, é necessário diferenciar um trabalho em que os filmes são suporte documental privilegiado, ao mesmo título que outros rastos da actividade humana - e desse trabalho tivemos já a excelente experiência de duas oficinas pluridisciplinares **Cinemacção**, destinadas a professores e orientadas pelo nosso associado Serge Abramovici, dito Saguenail - de um trabalho em que o cinema é o próprio objecto das acções de formação - trabalho esse de que são exemplo as oficinas O Primeiro Olhar e o programa Cinéma Cent Ans de Jeunesse.

Mas voltando ainda atrás: em 2002, ao cabo de um ano de funcionamento e com a cabeça ainda repleta das memórias gratas que nos ficaram dos ciclos **O Olhar de Ulisses**, que Pierre-Marie Goulet e Teresa Garcia haviam promovido no âmbito da Porto 2001 Capital Europeia da Cultura, a nossa associação decidiu propor ao Museu de Serralves uma parceria que, de algum modo, transferia para um eixo de programação destinado a jovens públicos, uma experiência entretanto apurada de projecções-conversa, antecedidas de apresentação e seguidas de debate. Graças à cumplicidade com a direcção do Museu e com as equipas do seu Auditório e do seu Serviço Educativo, temos vindo a aperfeiçoar uma colaboração da qual resultaram os já doze momentos do ciclo O Sabor do Cinema, actividade permanente e gratuita para os seus utentes que, de Janeiro a Junho e de Setembro a Dezembro, se traduz por sessões quinzenais, marcadas em função do calendário lectivo, às terças para o público das escolas e aos domingos para o público em geral.

Para cada sessão programada, a Associação Os Filhos de Lumière prepara uma folha de sala, composta das fichas técnicas dos filmes apresentados e de textos originais acerca dos mesmos, cuja redacção obedece ao duplo objectivo pedagógico de rasto do evento e de introdução ao discurso crítico a partir do objecto-filme.

Além da folha de sala e, desde há dois anos a esta parte, é distribuída uma

ficha pedagógica de exploração do filme onde, numa perspectiva pluridisciplinar e/ou transdisciplinar, se enunciam desafios e propostas de pesquisa, a realizar pelos jovens que assistiram à sessão, nas suas casas ou no quadro da escola.

Cada projecção é, como já se frisou, antecedida de uma apresentação propiciadora de pistas de leitura, que procura estimular a atenção a certos aspectos formais ou temáticos dos filmes divulgados na sessão, e há sempre um tempo de debate informal, em que «os filmes que nos falam» passam a ser «os filmes de que falamos».

Os programadores de O Sabor do Cinema têm pugnado por incluir sistematicamente obras da cinematografia nacional no seu calendário. É nossa preocupação e paixão aproximar o jovem público dos filmes que cá se fazem, das questões que esses filmes levantam e da maneira como as problematizam. Acresce que sobre a cinematografia nacional pesam preconceitos gravíssimos que a escola não tem sabido ou querido desfazer. Com muito agrado percebemos, perante as reacções dos nossos espectadores, a oportunidade de dar a ver filmes como A CAÇA, NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR, ATÉ AMANHÃ MÁRIO, OS SALTEADORES, O CLANDESTINO, A NOITE, HISTÓRIA TRÁGICA COM FINAL FELIZ, A IDADE MAIOR, OS MUTANTES, A DUPLA VIAGEM, A CASA ESQUECIDA, O CAMINHO PERDIDO, XAVIER, citando apenas alguns dos filmes portugueses que tivemos a honra de exhibir. Sendo certo que o cinema de autor enfrenta, aqui e agora, forças que são adversas à sua urgente protecção, consideramos prioritária esta faceta da nossa programação.

A par de filmes realizados por cineastas profissionais de todas as nacionalidades, os programadores têm incluído filmes de escola no seu calendário, tenham eles sido realizados ou não no âmbito das oficinas levadas a cabo pela associação. A escolha das obras apresentadas tentou abarcar uma grande variedade de objectos e tempos, de modo a questionar o aterrorizador triunfo do filme-padrão e a criar uma corrente de desejo desviante entre quem olha e a parte olhada. É nossa intenção exhibir, sempre que possível, filmes de duração não-padronizada (curtas, médias e muito longas metragens e nem

tanto fitas com a duração standard de um desafio de futebol), obras de tempos e origens variadas, que não são (ou já não são) facilmente acessíveis no circuito comercial, obras de cariz documental, ensaístico, poético e experimental, cujo visionamento alarga o leque de referências dos jovens no domínio da arte cinematográfica.

Encontros de olhares, os filmes não se esgotam no acto de serem vistos. Eles são matéria que dialoga na memória e por isso nos oferecem infinito assunto de conversa. Por outro lado, a memória e os patamares de tomada de consciência que ela permite são prévios e indispensáveis ao exercício do olhar crítico. É nossa convicção que o processo de transcodificação - passagem do visionamento de imagens à troca de palavras e à produção de discurso - contribui para combater o clima de silenciamento (e consequente esquecimento) em volta dos objectos artísticos e a transformação destes últimos em produtos de puro consumo ou em pretextos para trabalhos de natureza puramente escolar, amiúde pouco criteriosamente articulados e quase sempre de duvidoso valor pedagógico real.

Sempre que possível, as sessões acolhem convidados, na maioria dos casos os próprios realizadores dos filmes exibidos e discutidos ou grupos de formandos cujos trabalhos são apresentados. Embora por razões de natureza orçamental estas intervenções não sejam tão regulares quanto desejável, elas têm sempre contribuído para conferir um rosto mais humano aos filmes que na tela desfilaram e para lhes devolver o estatuto de obras de arte - isto é: de interrogação no e sobre o mundo - que numa sociedade de mercado tende a ser sistematicamente desvalorizado, quando não negado.

A Associação Os Filhos de Lumière entende que a finalidade destes ciclos não é apenas dar a ver ou a rever filmes que nos falam, mas também criar um espaço de palavra à sua volta, de modo a favorecer o trabalho da memória (prévio a qualquer exercício crítico) e a combater a voragem de esquecimento que afecta o «consumo» das imagens.